



SOCIABILIDADE NA METRÓPOLE: AS REFLEXÕES DE GEORG SIMMEL

Aluno: Fadil Lira Dias

1º semestre / 2012

Roteiro de atividades didáticas

Atividade 1 – Análise e discussão de imagens

Objetivos:

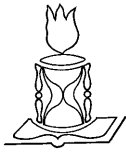
Apresentar e discutir com os alunos, através de fotos e charges, alguns problemas tipicamente urbanos, como a alta densidade demográfica, as superlotações no transporte público, o trânsito, o anonimato e a indiferença. Essa discussão será norteadada por algumas reflexões de Georg Simmel sobre as grandes cidades, como o seu pensamento sobre a impessoalidade urbana e sobre os paradoxos da modernidade e os seus conceitos de caráter *blasé* e de sociabilidade.

Previsão de desenvolvimento: Uma aula de 45 minutos (contudo, em virtude do andamento da aula, o/a professor/a pode estender essa atividade para mais uma aula).

Recursos necessários: Um projetor de imagens e um computador com as fotos e charges salvas ou cópias impressas das fotos e charges.

Dinâmica utilizada:

A sala de aula deve estar equipada com um projetor de imagens e o/a professor/a deve ter em mãos um computador, onde estarão previamente salvas as fotos e as charges para a projeção. Se isso não for possível, há a opção do/a professor/a imprimir o material e distribuir para a sala, que deverá estar dividida em grupos. Sugerimos aqui a análise e discussão das imagens por blocos, uma vez que cada bloco tem, mais ou menos, um enfoque temático específico. No entanto, o/a professor/a é livre para discutir as imagens



isoladamente. Também incluímos algumas questões motivadoras. Todas essas fotos e charges estão disponíveis na internet e podem ser substituídas por outras, a critério do/a professor/a.

1º Bloco de imagens

Foto 1



Pedestres atravessando a Avenida Paulista em São Paulo (Danilo Verpa/Folha Imagem).

Foto 2



Rua 25 de março, tradicional ponto de comércio popular em São Paulo, lotada (anônimo).



Foto 3



Metrô de São Paulo lotado (Diego Padgurschi / Folhapress).

- a) As fotos 1, 2 e 3 são familiares a vocês? Vocês já estiveram em ambientes semelhantes aos exibidos nessas fotos?
- b) As fotos mostram cenas que ocorrem diariamente nas grandes cidades. Qual o ponto comum entre elas, além de serem tipicamente urbanas?

Aqui o/a professor/a poderá falar sobre a concentração populacional nas grandes cidades e alguns problemas daí decorrentes. O/a professor/a também pode introduzir o conceito de *intensificação da vida nervosa*.

- c) Nas cenas das fotos, há a concentração física de um grande número de pessoas. Podemos dizer que essas pessoas se conhecem ou, mesmo sem se conhecerem, interagem entre si (chamar a atenção especialmente para a foto 3, do metrô lotado)?

O/a professor/a pode trabalhar com os conceitos de *caráter blasé* e de *atitude de reserva* e com as ideias de proximidade física e distância social e de impessoalidade e anonimato urbanos.



- d) Podemos dizer que em todas as fotos as pessoas estão indo para destinos previamente definidos? Se sim, vocês poderiam supor alguns destinos prováveis?

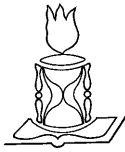
A partir das respostas dos alunos, o/a professor/a pode mostrar o caráter itinerante das pessoas (elas sempre estão indo para algum lugar) e a sua objetividade nas grandes cidades; pode também mostrar a cidade como o lugar da intensificação da economia monetária, onde há uma variedade imensa de tipos de trabalho e de tipos de produtos e serviços comercializados (chamar a atenção, nesse sentido, para a foto 2, a da rua 25 de março).

2º Bloco de imagens

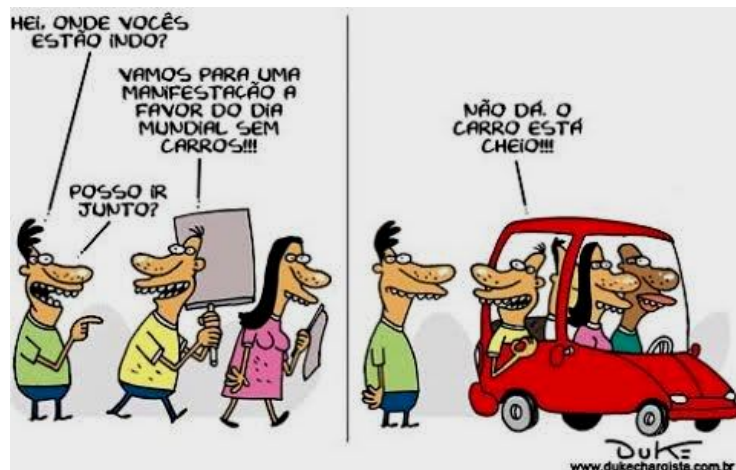
Charge 1



fonte: <http://www2.uol.com.br/angeli/>



Charge 2



fonte: <http://dukechargista.com.br/charges/>

Charge 3

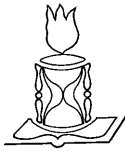


fonte: <http://waltertierno.wordpress.com/2009/01/29/a-liberdade-que-o-carro-te-da/>

- a) Qual é o problema urbano tratado nas charges 1, 2 e 3? Vocês poderiam pensar em motivos para esse problema?

Aproveitando os comentários dos alunos, o/a professor/a pode destacar a concentração populacional, o intenso fluxo de pessoas (principalmente motivadas pela economia monetária) e a preferência do carro ao invés do transporte público como motivos do trânsito nas grandes cidades.

- b) As charges 2 e 3 nos mostram, humoristicamente, algumas contradições do problema do trânsito nas grandes cidades. Quais seriam essas contradições?

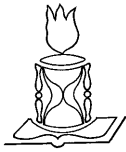


O/a professor/a pode mostrar aos alunos que os paradoxos da modernidade apontados por Simmel em sua época às vezes ocorrem no mundo contemporâneo com outras roupagens. Na charge 2, o paradoxo está no fato de as pessoas desejarem menos carros nas ruas, mas não abrirem mão dos seus. Na charge 3, está na ilusão das pessoas (metaforizadas como ovelhas) em achar que a opção do carro lhes dá liberdade em relação ao transporte público, isto é, as pessoas optam pelo carro justamente para terem liberdade, porém, em grande número de vezes, ficam mais limitadas ainda. O/a professor/a também pode chamar a atenção para o fato de que nos paradoxos dessas duas charges está subjacente o individualismo das pessoas, que, segundo Simmel, é exacerbado nas grandes cidades em virtude da impessoalidade destas (não conhecendo as pessoas à sua volta, os indivíduos tendem a pensar só em si mesmos).

Charge 4



fonte: <http://www2.uol.com.br/angeli/>



Charge 5



Fonte: <http://dukechargista.com.br/charges/>

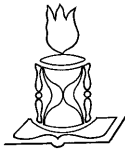
Charge 6



fonte: www.humortadela.com.br

- c) Nas charges 4,5 e 6, ao lado do problema do trânsito, há outro problema. Qual seria ela?

- d) Os moradores de rua convivem com o trânsito sem participar dele. Será que as pessoas de passagem no trânsito os notam?



Embora a questão da exclusão social não seja exclusiva das grandes cidades, nelas, o problema dos moradores de rua é mais acentuado. O/a professor/a pode mostrar aos alunos que, embora nas vilas rurais e nas pequenas cidades as pessoas tenham menos opções de trabalho e menor liberdade individual (já que quase todos se conhecem), lá a maior integração social tende a coibir o problema dos moradores de rua, enquanto nas grandes cidades, embora o anonimato traga liberdade, ele também traz uma impessoalidade que desconsidera as dificuldades de cada pessoa em particular. Em outras palavras, na cidade grande há liberdade, mas menor integração social.

O/a professor/a poderá trabalhar com as ideias de impessoalidade e anonimato e com os conceitos de caráter *blasé* e atitude de reserva, esta última muito comum nos semáforos em relação a vendedores ambulantes e meninos artistas, que precisam se esforçar para chamar a atenção dos motoristas, como vemos na charge 6. Como já pudemos perceber, a impessoalidade se transforma em frieza, como também notamos na charge 4, onde a valorização de obras públicas é contrastada com o descaso aos moradores de rua, e na charge 5, onde o morador de rua tenta em vão chamar a atenção do trânsito, incomodado pelo barulho.

3º Bloco de imagens

Charge 7



fonte: <http://www.nanihumor.com/>



Foto 4



Shopping Center lotado (anônimo).

Charge 8



fonte: <http://www2.uol.com.br/angeli/>



Charge 9



Fonte: <http://arteemanhasdalingua.blogspot.com.br/2011/12/charge-natalina-01.html>

- a) Observem a charge 7. Por que o homem com a placa quer evitar conversa? E que tipo de conversa ele quer evitar?

Aqui, o/a professor/a pode comentar a respeito da tensão entre proximidade física e distância social, reforçada pela atitude de reserva dos habitantes das grandes cidades. Em relação a essa tensão, o meio social prevê uma espécie de sociabilidade fugaz baseada num breve cumprimento e numa conversa superficial, conhecida muitas vezes como “conversa de elevador”, que, no entanto, não evita certo constrangimento, uma vez que as pessoas são mutuamente estranhas. O humor da charge está no fato do homem também querer evitar esse tipo de conversa.

- b) A foto 4 e a charge 8 nos mostram shoppings centers, os quais são uma forma de comércio característica dos grandes centros urbanos. Vocês poderiam pensar em razões para a existência dessa forma de comércio nas grandes cidades? Qual seria o contraste mostrado na charge 8?
- c) Na charge 9, a “não existência” dos moradores de rua e do Papai Noel é a mesma? Há nessa charge também um contraste?

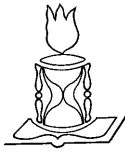


O/a professor/a pode chamar a atenção para a relação entre o consumismo e a expansão dos shopping centers, os quais também estão em sintonia com a intensificação da economia monetária nas grandes cidades. Como vemos, o contraste da charge 8, evidenciado pela fala da criança, está entre o consumismo dos shopping centers e a exclusão social. Na charge 9, o humor está no fato de que o Papai Noel não existe porque é uma figura mítica, enquanto a “não existência” dos moradores de rua é uma metáfora do descaso social (novamente, caráter blasé, impessoalidade, frieza, etc.).

A charge 9 também evidencia um contraste entre os moradores de rua, excluídos sociais, e o Papai Noel, que se tornou, em virtude do Natal ser a época de maior consumo do ano, também um símbolo de consumismo (lembrar aos alunos que a presença do Papai Noel se dá, sobretudo, em shopping centers, o que inter-relacionam as charges 8 e 9). Contudo, o/a professor/a pode mostrar aos alunos que os shopping centers, além de locais por excelência do consumo, são também um dos principais locais para a sociabilidade dos habitantes das grandes cidades, o que representaria uma solução para a falta de sociabilidade entre as pessoas nos demais espaços das grandes cidades (como nas ruas e praças, por exemplo), em virtude do anonimato, impessoalidade e da atitude de reserva (que vimos na charge 7).

Atividade 2 – Análise e discussão do artigo *Vizinhos e internautas*, de Carlos Heitor Cony

Em *Vizinhos e internautas*, Carlos Heitor Cony escreve sobre a incomunicabilidade entre as pessoas na vida urbana moderna (como, por exemplo, o fato de vizinhos de anos mal se conhecerem) e argumenta que a comunicabilidade via internet não é solução para essa falta de contato pessoal. A partir dessa situação descrita por Cony, o/a professor/a pode trabalhar com os alunos o conceito de *atitude de reserva* de Simmel e colocar em discussão a sociabilidade através da internet, tão familiar aos jovens. O artigo de Cony foi publicado originalmente na Folha de São Paulo em 26 de junho de 1997, época do início da internet no Brasil. No entanto, algumas implicações dessa forma de sociabilidade permanecem essencialmente as mesmas. Abaixo, há uma reprodução do artigo e o *link* para acessá-lo:



Vizinhos e internautas

Estudiosos do comportamento humano na vida moderna constatam que um dos males de nossa época é a incomunicabilidade. Já foi tempo em que, mesmo nas grandes cidades, nos bairros residenciais, ao cair da tarde era costume os vizinhos se darem boa noite, levarem as cadeiras de vime para as calçadas e ficar falando da vida, da própria e da dos outros.

A densidade demográfica, os apartamentos, a violência urbana, o rádio e mais tarde a TV ilharam cada indivíduo no casulo doméstico. Moro há 20 anos num prédio da Lagoa, tirante os raros e inevitáveis cumprimentos de praxe no elevador ou na garagem, não falo com eles nem eles comigo. Não sou exceção. Nesse lamentável departamento, sou regra.

Daí que não entendo a pressão que volta e meia me fazem para navegar na Internet. Um dos argumentos que me dão é que posso falar com pessoas na Indonésia, saber como vão as colheitas de arroz na China e como estão os melões na Espanha.

Uma de minhas filhas vangloria-se de ser internauta. Tem amigos na Pensilvânia e arranjou um admirador em Dublin, terra do Joyce, do Bernard Shaw e do Oscar Wilde. Para convencê-la de seus méritos, o correspondente mandou uma foto em cor que foi impressa em alta resolução. É um jovem simpático, de bigode, cara honesta. Pode ser que tenha mandado a foto de um outro.

Lembro a correspondência sentimental das revistas de antanho. Havia sempre a promessa: "Troco fotos na primeira carta". Nunca ouvir dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.

Para vencer a incomunicabilidade, acredito que o internauta deva primeiro aprender a se comunicar com o vizinho de porta, de prédio, de rua. Passamos uns pelos outros com o desdém de nosso silêncio, de nossa cara amarrada. Os suicidas se realizam porque, na hora do desespero, falta o vizinho que lhe deseje sinceramente uma boa noite.

CONY, Carlos Heitor. Vizinhos e Internautas. *Folha de S. Paulo*, 26 jun. 1997. Opinião, p. A2
Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/cony_20000504.htm

Objetivos:

- Discutir e relacionar as constatações de Cony em *Vizinhos e internautas* com as ideias de Simmel contidas no conceito de *atitude de reserva*.



- Debater com os alunos em que medida o relacionamento social através da internet pode nos aproximar ou nos afastar das pessoas.

Previsão de desenvolvimento: Uma aula de 45 minutos.

Recursos necessários: Cópias impressas do artigo *Vizinhos e internautas*. O/a professor/a pode distribuir uma cópia para cada aluno ou então uma cópia por grupo.

Dinâmica utilizada:

O/a professor/a distribuirá as cópias do artigo para que sejam lidas pelos alunos, ficando a critério dele/a dividi-los em grupos ou não. Como o artigo é curto, 10 minutos é tempo suficiente para que ele seja lido inteiramente e para que os alunos troquem ideias sobre a leitura, caso estejam em grupo. Em seguida, o/a professor/a iniciará o debate indagando aos alunos o que acharam a respeito das constatações de Cony no artigo, aproveitando para apresentar-lhes o conceito de atitude de reserva de Simmel. Se possível, o/a professor/a pode reservar o início do debate para a discussão sobre a incomunicabilidade entre as pessoas, através do exemplo das relações entre vizinhos, para depois, dar ênfase à discussão sobre o relacionamento pessoal através da internet. Abaixo, há algumas questões motivadoras para o debate.

Questões motivadoras:

- Como as pessoas se relacionam onde você mora (no bairro, na rua, no condomínio, etc.)? Você conversa com os seus vizinhos?
- Os mais velhos já disseram a você que o relacionamento entre as pessoas era diferente no passado? Se sim, o que eles contaram?
- Para você, há diferença entre a sociabilidade nas pequenas cidades e a sociabilidade nas grandes cidades? E há essa diferença de sociabilidade entre os bairros e o centro das grandes cidades? E entre a periferia e os bairros de classe média e alta?



- Você concorda com Cony quando ele diz que hoje em dia falta comunicação entre as pessoas ao mesmo tempo em que elas se tornam individualistas? Se sim, esta situação teria relação com a solidão e a depressão, tão frequentes hoje em dia?

- Seria a internet uma saída para o impasse entre o desejo de comunicação das pessoas e a atitude de reserva delas em relação às pessoas mais próximas (como vizinhos, por exemplo), mas pouco conhecidas? Ou a internet contribuiria para que nos afastássemos de quem está perto de nós?

- Quem seria o mais desconhecido: o vizinho com quem não temos amizade ou um amigo de internet que nunca vimos pessoalmente?

- A internet é uma forma de comunicação mais segura que a comunicação presencial?

Sugestão de análise para o debate:

Carlos Heitor Cony, com o artigo *Vizinhos e internautas*, aponta a incomunicabilidade entre as pessoas como um dos males típicos da vida moderna das grandes cidades. Esse fato, percebido por Cony, tem relação com o conceito de *atitude de reserva*, que Simmel desenvolveu já na virada do século XIX para o XX, ao observar que os habitantes típicos das grandes cidades europeias da época eram reservados, distantes uns com os outros, em comparação com os habitantes das zonas rurais e das pequenas cidades, receptivos e comunicativos.

A atitude de reserva pode ser considerada como a postura *blasé* no que tange às relações pessoais, sendo, em princípio, uma adequação comportamental do habitante da cidade grande frente à enorme população desta, que o impossibilita de estabelecer algum tipo de comunicação (por mais fugaz que seja, como um cumprimento) com todas as pessoas com as quais se depara a partir do momento em que sai de casa, porque a esmagadora maioria das pessoas lhe é desconhecida. Mas a atitude de reserva é, sobretudo, uma defesa psicológica desse habitante, porque a grande massa de desconhecidos da cidade lhe desperta suspeita, uma vez que qualquer um desses pode estar mal intencionado.

Simmel, no entanto, afirma que essa defesa psíquica, apesar de ter sua razão de ser, é frequentemente exagerada, fazendo com que as pessoas desconheçam até mesmo vizinhos de muitos anos. É exatamente essa a situação descrita por Cony no artigo, pois,



embora seja morador de um prédio há 18 anos, não tem amizade com nenhum de seus vizinhos. E, se Simmel apontava o anonimato, a impessoalidade e o direito à desconfiança decorrentes da grande população da cidade como o meio propício para essa postura defensiva exagerada dos indivíduos, Cony, de forma semelhante, acredita que a densidade demográfica, os apartamentos (eles próprios uma consequência da densidade demográfica), a violência urbana e os meios de comunicação de massa contribuíram para que as pessoas se “ilhassem”, tornando-se isoladas e deixando de se comunicar umas com as outras. Essas situações são correlatas e nos mostram como certos problemas urbanos permaneceram praticamente os mesmos nos últimos tempos, a despeito de outras significativas mudanças entre as metrópoles de há cem anos e as de hoje.

Cony, entretanto, afirma que num passado recente, mesmo nas grandes cidades, havia uma sociabilidade maior, quando era costume os vizinhos, nos bairros residenciais, saírem a frente de suas casas para conversarem no final da tarde. Mas é necessário lembrar que essa sociabilidade era típica dos bairros residenciais, fato que nos dá a oportunidade de mostrar aos alunos que não existem apenas as diferenças de sociabilidade entre as cidades pequenas e as cidades grandes, mas também entre o centro e os bairros residenciais das metrópoles, incluindo tanto as periferias como os bairros de classe média.

Cony também faz uma reflexão a respeito da internet. Ele diz que não entende como as pessoas não se comunicam com quem está próximo delas, mas estão dispostas, através da internet, a travar contato com pessoas desconhecidas, de lugares distantes. Para Cony, a internet não é solução para a falta de comunicabilidade entre as pessoas, que deveriam primeiramente aprender a se comunicar com os seus vizinhos, que veem cotidianamente, mas em relação aos quais muitas vezes passam em silêncio, com uma fisionomia sisuda, pouco convidativa. O cultivo dessa comunicabilidade, que é paralela ou mesmo idêntica à sociabilidade estudada por Simmel, seria um importante atenuante de problemas característicos das grandes cidades, como a solidão, a depressão e os suicídios. Afinal, em tempos de internet, as pessoas ainda se pautam pela atitude de reserva exagerada que Simmel apontava, onde os indivíduos evitam os outros se refugiando em si próprios, e que Cony descreve em seu artigo em outras palavras, para os nossos dias.



Atividade 3 – Análise e discussão da animação de curta-metragem *Desventuras de um dia*

Em *Desventuras de um dia* acompanhamos um dia de trabalho de Luiza, uma jornalista que trabalha para um *site* de notícias. O seu dia é repleto de fatos típicos da vida urbana e do mundo do trabalho que a entediam e a irritam, os quais podem ser relacionados pelo/a professor/a com alguns conceitos desenvolvidos por Simmel a respeito das grandes cidades. Essa animação é de 2004 e foi dirigida por Adriana Meirelles. Tem apenas 10 minutos de duração e pode ser vista no *site* Porta Curtas, patrocinado pela Petrobrás. O *link* é o seguinte: http://www.portacurtas.com.br/beta/filme/?name=desventuras_de_um_dia

Objetivos:

Discutir os conceitos de *cultura objetiva* e *cultura subjetiva* de Simmel e as reflexões desse pensador a respeito da racionalização e *intensificação da vida nervosa* nas grandes cidades através da análise da animação *Desventuras de um dia*.

Previsão de desenvolvimento: Duas aulas de 45 minutos.

Recursos necessários: Se possível, a sala de aula deve estar equipada com um projetor e um computador com acesso à internet.

Dinâmica utilizada:

O ideal, como dissemos acima, é que a sala de aula esteja equipada com um projetor e um computador com acesso à internet para que a animação seja exibida durante a aula, porque, a princípio, essa animação só está disponível no site de curtas da Petrobrás, não estando disponível em DVD e nem para download. Tendo em mãos esses recursos, o/a professor/a poderá planejar as aulas da seguinte forma:

Aula 1: Exibição e discussão da animação, relacionando a discussão com alguns conceitos de Simmel, como os descritos nos objetivos dessa atividade didática. Há tempo suficiente para tudo isso em uma aula de 45 minutos, pois a animação só possui 10 minutos. Ao fim da aula, o/a professor/a pedirá aos alunos que façam uma dissertação sobre a animação em casa, onde deverão discutir em que medida os elementos do dia de Luiza são reflexos das exigências que a vida moderna das grandes cidades impõe a seus habitantes. De



preferência, os alunos deverão relacionar esses aspectos do dia de Luiza com os conceitos de Simmel. A dissertação deverá ser entregue na próxima aula.

Aula 2: Entrega por parte dos alunos da dissertação sobre a animação e finalização da discussão.

Mas, como sabemos que esses recursos nem sempre estão disponíveis, o/a professor/a pode apresentar na primeira aula os conceitos fundamentais de Simmel, enfatizando os que podem ser relacionados à animação, e pedir aos alunos que assistam a animação na internet (o/a professor/a fornecerá o *link*) e entreguem a dissertação na aula seguinte, onde poderá haver um debate envolvendo essas dissertações e os conceitos de Simmel trabalhados pelo professor na aula anterior.

Questões motivadoras:

- Luiza ficou exausta pelo dia de trabalho e teve que enfrentar o trânsito. O dia de Luiza é familiar a vocês? Vocês já passaram por alguma situação desgastante em uma grande cidade? Se sim, quais?

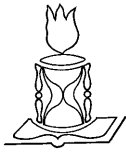
- Luiza é obrigada pelo chefe a instalar e usar um novo programa de computador, do qual ela nada entende. Vocês já se sentiram de alguma forma pressionados a assimilarem uma inovação tecnológica (novos programas, novos celulares, novidades nas redes sociais e na internet no geral, etc.)?

- Luiza precisava editar 10 matérias para o site de notícia no qual trabalha. Vocês ouvem notícias diariamente? O que vocês acham das notícias e quais são as suas reações diante delas?

- Hoje as pessoas têm a acesso a uma quantidade enorme de informações. É possível assimilar todas elas? É possível saber a procedência de todas elas?

Sugestões de análise para o debate:

A seguir, apresentamos algumas sugestões de análise da animação que poderão ser trabalhadas com os alunos em sala de aula.



Cultura objetiva e cultura subjetiva

Há vários aspectos do dia de Luiza que podemos relacionar com os conceitos de *cultura objetiva* e *cultura subjetiva* abordados por Simmel. A cultura objetiva se faz presente principalmente na relação de Luiza com a tecnologia. Primeiramente, quando Luiza chega ao trabalho e acaricia seu computador, “convencendo-o” a não dar problemas, vemos o quanto somos dependentes da tecnologia hoje, para o trabalho e em outras dimensões da vida. Para Simmel, a cultura objetiva permeia toda a sociedade e é fortíssima, se impondo aos indivíduos, os quais se deixam arrastar por ela ou tentam de algum modo opor algum tipo de resistência para conservar a sua individualidade, representada pela cultura subjetiva.

Com a tecnologia não é diferente, pois ela não é apenas indispensável no mundo moderno (o que causa nossa dependência para com ela), mas se impõe a todos. Luiza, por exemplo, é obrigada a conhecer a nova versão do programa de computador utilizado em seu trabalho, a despeito de não se interessar por esse assunto e entender pouco sobre ele. Já Roberto é o seu oposto, pois conhece tudo do novo sistema e, dessa forma, representa a intensa especialização da complexa divisão do trabalho da modernidade, que se realiza fundamentalmente na cidade grande. Ele é valorizado justamente por obter a especialização e os títulos valorizados pela sociedade. Toda aquela carga de conhecimento especializado que ele “descarrega” em Luiza quando vai conversar com ela (o que a entedia profundamente) representa uma imposição da cultura objetiva em relação à cultura subjetiva. Ela, por sua vez, não se interessa por novos programas de computador, porque sua cultura subjetiva, que a torna singular em relação às outras pessoas, valoriza outras coisas.

O fato de ela não querer entender e repelir o novo sistema pode ser sua forma de resistência em relação às imposições dessa faceta da cultura objetiva, cuja tendência é nivelar todos os indivíduos. E a resistência de Luiza não é somente um exemplo da oposição entre cultura objetiva e cultura subjetiva, mas também um exemplo de uma oposição mais abrangente, a oposição entre indivíduo e sociedade, que é uma ideia fundamental do pensamento sociológico de Simmel.

Contudo, Luiza se sente aliviada ao chegar em sua casa, quando é recebida carinhosamente por seu companheiro. O lar é o refúgio do habitante da cidade grande em relação ao intenso fluxo de estímulos desta e em relação às cobranças, exigências e imposições do mundo do trabalho. O lar é o espaço da vida privada, onde a individualidade do cidadão é protegida, o que torna a sua vida suportável, sendo, portanto, também o



espaço da cultura subjetiva, em oposição à cultura objetiva, que é característica da vida pública. A cultura subjetiva se realiza, por exemplo, na conversa que Luiza tem com seu companheiro no jantar.

Racionalização e objetividade

Luiza tem uma preocupação que a acompanha logo de manhã: editar 10 matérias para o *site* de notícias no qual trabalha. Quando chega ao trabalho, é ainda pressionada pelo chefe, que diz que o seu prazo está terminando, argumentando que ela teve todo o final de semana para cumprir esse prazo, além de ofendê-la. Luiza sente vontade de retrucar, mas afinal depende do emprego para pagar suas contas. Nesse sentido, lembramos que Simmel diz que a cidade grande é o local da impessoalidade e da economia monetária, sendo, portanto, o espaço onde predominam a racionalização (entendimento) e a objetividade, livres de empecilhos de natureza subjetiva, o que, por sua vez, é típico de cidades pequenas (por exemplo, o fato de produtores, comerciantes e consumidores se conhecerem nas cidades pequenas torna os negócios pouco objetivos, pois regulados por relações pessoais).

Assim, os prazos que Luiza tem que cumprir são aspectos onipresentes do contexto de forte racionalização e objetividade da cidade grande, e o descaso do seu chefe em relação a prováveis necessidades pessoais de Luiza (como, por exemplo, descansar ao invés de trabalhar no final de semana) é típico de uma lógica impessoal, que não se prende a detalhes pessoais, que não se interessa pela sorte dos indivíduos, mas só visa o geral e o objetivo (neste caso, o cumprimento de metas a qualquer custo).

Intensificação da vida nervosa nas grandes cidades

Ao editar as matérias com grande velocidade para cumprir os prazos, Luiza diz em pensamento as palavras-chave dessas matérias, as quais, ditas daquela forma, mostram como as notícias, em sua maioria, são rotineiras e pouco originais, já que podem ser reduzidas logicamente aos mesmos conceitos de sempre, a despeito de pequenas diferenças. Por exemplo, a matéria que ela edita sobre futebol é “resumida” em seu pensamento às palavras “futebol”, “passa”, “fecha”, “chuta”, “gol”; outra matéria é “resumida” às palavras “polícia”, “reage”, “bate”, “prende”, e assim por diante. Porém, ao mesmo tempo, vemos que o ritmo pelo qual Luiza edita as matérias é análogo ao próprio ritmo das notícias



nas grandes cidades, que são os locais onde as coisas acontecem a todo o tempo e em todo lugar, embora esses acontecimentos sejam, em sua maioria, recorrentes, típicos da vida urbana (mundo do trabalho, mundo familiar e comunitário, tempo, lazer, esporte, férias, vida econômica, eventos turísticos, visitas ilustres, projetos sociais, entre outros, para falar dos fatos positivos; problemas de transporte público, trânsito, acidentes, obras não concluídas, corrupção, violência, lixo, exclusão social, para falar dos negativos).

O fato de Luiza agir assim, editando as matérias rapidamente e reduzindo-as em sua mente em poucos conceitos, indica, além de sua pressa, que ela já não se sensibiliza com esses acontecimentos, que é *blasé* em relação a eles. Simmel diria que Luiza (assim como a maioria dos habitantes da cidade) reage de forma *blasé* aos acontecimentos da vida urbana como uma forma de defesa psíquica, pois se se impressionasse com cada um desses acontecimentos, se esgotaria psicologicamente, tamanha a intensidade e frequência com que eles ocorrem. Simmel denominou de *intensificação da vida nervosa* a esse fenômeno da exposição do indivíduo à intensificação de estímulos, impressões e acontecimentos nas grandes cidades (podemos dizer, *grosso modo*, que o conceito de Simmel de intensificação da vida nervosa é o que a linguagem de senso comum nos dias de hoje chama de *stress*). Assim, as notícias também fazem parte desse intenso fluxo de estímulos aos quais os habitantes da cidade estão expostos em quase todos os momentos e lugares.

Mas esses estímulos se fazem sentir de forma acentuada no mundo exterior, na rua, fora de casa. Por exemplo, para Luiza essa intensificação da vida nervosa iniciou-se logo de manhã, quando ela teve de enfrentar o trânsito para ir ao trabalho; e voltou a acontecer em sua volta do trabalho para casa, no horário de pico, que é mais problemático, porque Luiza tem que encarar o trânsito já exausta pelo dia de trabalho intenso. No percurso, Luiza observa a metrópole e reflete sobre uma característica emblemática desta: o fato de haver uma concentração enorme de pessoas, que estão sempre em fluxo, itinerantes, indo para lá e para cá, em todas as direções, a todo o momento, seja a pé, de carro, de metrô, de bicicleta ou qualquer outra forma de se locomover. São muitas pessoas, anônimas uma para com as outras, e, assim, desinteressadas da sorte do outro, concentrando-se em seguir com seus objetivos.

Para cada uma dessas pessoas, todas as outras representam estímulos que devem ser evitados, através do caráter *blasé* e da atitude de reserva, para que não perturbem sua subjetividade e nem o cumprimento dos seus objetivos. Luisa questiona quais são esses objetivos e diz acertadamente que as pessoas se deixam levar pelo fluxo, passivas,



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

submissas, porque quase sempre não perseguem um objetivo próprio, mas sim um objetivo imposto, como metas de trabalho, por exemplo. E ela se inclui entre essas pessoas. Esta é uma das consequências da força da objetividade e da cultura objetiva inerentes às grandes cidades. Nesse sentido, as reflexões de Luiza durante o trajeto são muito interessantes, parecendo quase uma poesia de protesto. Vejamos as partes principais:

Trânsito, trânsito, trânsito, trânsito! Gente, gente, gente! Vai e volta e vem! Vai e volta e vem! De onde vem tanta gente, todo dia seguindo, indo, sem saber pra onde ir? Engolindo os dias, seguindo o fluxo, passivos, submissos! Bons moços, boas moças, bons moços, boas moças! [...] Adestrados, adestrados, eu também, eu também! (entre os minutos 06:50 e 07:46).